



“Resiliência” - Guilherme Almeida Brito

11 Setembro / 15 Novembro 2011

Galeria das Salgadeiras

«Resiliência» é o título da primeira exposição individual de Guilherme Almeida Ribeiro (GAR) na Galeria das Salgadeiras onde, a pretexto do tema da “Paisagem”, escolhido pelas Salgadeiras para o ano de 2011, o artista explora e questiona diferentes suportes e meios para a pintura. Desde logo, a prática artística é um reflexo da realidade e das circunstâncias de cada momento, bem como da forma que o artista absorve aquilo que o rodeia e, nesse sentido, a pintura de GAR não é um espaço estático nem conservador. Ao invés: é um espaço de provocação, vertigem e desconcerto que semeia no espectador uma certa inquietude na busca do “objecto”. Afinal, que temos aqui, diante dos nossos olhos? Não é óbvio nem imediato. Por ventura, o melhor será primeiro sentir as variações cromáticas, o ritmo, a cadência, as camadas e suas transparências, no fundo, as regras, as suas, que GAR encontrou para dar alguma ordem ao caos. Depois, então, ver e descobrir que mais nos revelam estas geometrias de GAR. Nestas assemblages de cariz fortemente teórico e formal, o conteúdo está no espectador com as suas referências, memórias e vivências, recuperando uma das heranças de Marcel Duchamp para quem a obra de arte só fica completa com o espectador, o outro pólo da criação, além do artista.

No sentido figurado, a palavra resiliência é a “capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças”¹ e GAR aplica este conceito aos inúmeros materiais que vai colecionando no seu atelier, num processo não de procura, mas de encontro. Ali ficam, nunca esquecidos, apenas à espera do momento certo para serem recuperados, transformados e interpretados até perderem a sua função original e assumirem uma expressão artística. Tiveram uma outra “sorte” quando à “má sorte” da inutilidade tinham sido deixados. Desta

¹ in dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

forma, GAR traz para a sua pintura um posicionamento ético e, em certa medida, político num processo mental à volta da matéria, do símbolo e da cor.

A cor é explorada nas suas múltiplas variantes, as cores primárias, secundárias e complementares, as cores que vemos, aquelas que não vemos e cuja percepção não conseguimos consciencializar mas que o nosso olho capta e reage, ou não fosse a visão um dos sentidos mais complexos e fascinantes do ser humano. Ao libertar a sua pintura de elementos mais figurativos, e note-se que tal não significa que estejamos a falar de pintura abstracta, definição que o próprio rejeita, GAR propõe aquele que é o seu "espiritual na Arte": cores e formas, materiais que são guardados (ainda) sem um propósito específico, repletos de simbolismos numa "obra total" em que o suporte, a moldura, o acabamento fazem parte integrante, retomando, uma vez mais, a importância da materialidade. Este é o seu léxico, a sua linguagem, a sua forma de comunicação como organização do pensamento e do conhecimento, que recolhe os "inputs" do mundo contemporâneo como o ruído, o caos, o desperdício, e gera novos "outputs", sem dogmas e sem "pré-conceitos". «Ela [Arte] é eternamente livre. E foge dos imperativos como o dia da noite»².

Ana Matos

Lisboa, Agosto de 2011

² Wassily Kandinsky in Do Espiritual na Arte



“Resilience” - Guilherme Almeida Brito

11 September / 15 November 2011

Galeria das Salgadeiras

«Resilience» is the title of the first individual exhibition of Guilherme Almeida Ribeiro (GAR) at Galeria das Salgadeiras where, under the pretext of the “Landscape” theme chosen by Salgadeiras for the year of 2011, the artist explores and questions different supports and means for the painting. From the very instant, the artistic practice is a reflex of the reality and the circumstances of each moment, as well as the way the artist absorbs what surrounds him and, that way, GAR’s painting is not a static space neither conservative. The other way round: it’s a space of provocation, vertigo, and disarrangement, causing some inquietude in the observer in his search of the “object”. After all, what do we have here before our eyes? It’s not obvious neither immediate. By chance, the best is first to feel the chromatic variations, the rhythm, the cadence, the layers and their transparencies; deep down, the rules, his ones, which GAR found to give some order to the chaos. Afterwards, by then, see and discover what else these geometries of GAR reveal to us. In these assemblages of strongly theoretical and formal nature, the content is in the observer with his references, memories, and personal experiences, retrieving one of Marcel Duchamp’s legacies: to whom the work of art gets completed only with the observer, the other cornerstone of creation, besides the artist.

In a figurative way, the word resilience is the “ability of one to recover readily or adapt himself to adversity or changes”, and GAR employs this concept to the countless materials that he has been collecting in his atelier, in a process, not of searching, but of finding. There they stay, never forgotten, just waiting for the right moment to be retrieved, transformed, and interpreted until they loose their original function and adopt an artistic expression. They had one other “luck” as to the “bad luck” of inutility that they were left. This way, GAR brings to his painting an ethic positioning and, to a certain extent, political, in a mental process around the matter, the

symbol, and colour. The colour is explored in its multiple variants, the primary colours, secondary and complementary ones, the colours that we see, the ones we don't see, and which the perception we cannot be aware but our eye captures them and reacts, or won't it be the vision one of the most complex and fascinating senses of the human being. By freeing his painting of more figurative elements, and take note it doesn't mean that we're talking of abstract painting - definition which he himself rejects - GAR proposes what is his "spiritual in Art": colours and shapes, materials that are (still) stored without any specific purpose, full of symbolisms in a "complete work" in which the support, the frame, the finishing, they all make integral part in it, taking on, once again, the importance of materiality. This is his lexicon, his language, his form of communication as an organization of thought and knowledge that gathers the contemporary world "inputs" with the noise, the chaos, the waste, and generates new "outputs", without dogmas and without "pre-concepts". «It [Art] is eternally free. And runs from the imperatives as the day does from the night.»

Ana Matos

Lisboa, August 2011